

Mauricio Tragtenberg

xemburgo. E o movimento operário no Brasil acaba de experimentar os desvios do baronato que o penetrou, com discurso pronto e muito apetite de poder. Este acréscimo final tem a ver com textos mais extensos de Maurício Tragtenberg, crítico persistente de qualquer tipo de centralismo, seja de direita, seja de esquerda. Dentro e fora da Universidade.

mauricio tragtenberg | antonio josé r. valverde*

Maurício Tragtenberg. *Sobre educação, política e sindicalismo*. 3ª edição revista. São Paulo, Editora UNESP, 2004, 215 pp.

Proverbialmente se diz, com razão, que a melhor homenagem a um Autor é a leitura de sua obra. Ora, ler e reler Maurício Tragtenberg, em textos que viajam no exíguo tempo de vinte e poucos anos, é dever de todo estudioso interessado em entender o mundo contemporâneo e a situação brasileira para além dos modismos e aplausos da sociedade do elogio mútuo e do ato de incensar os pares acadêmicos, com repercussão na imprensa menos avisada.

Avesso a elogios, Tragtenberg, em arresto fino de leituras precisas e oportunas de clássicos da filosofia política, da literatura, da história, da educação e da sociologia, construiu uma obra que tem resistido às intempéries do mundo intelectual. O segredo da resistência é a combinação de *finesse* de espírito, sem pedantismo e com muita clareza.

*Professor Titular do Departamento de Filosofia da PUC/SP e Professor do Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da EAESP da FVG-SP.

za e precisão no argumentar, e de análises expressas com concisão e profundidade, que pos-sibilitam enxergar através das aparências e das redes espetaculares da sociedade pós-industrial.

Se, para a geração dos que estão hoje com pouco mais ou pouco menos de cinqüenta anos, Tragtenberg dispensa apresentações, para os mais jovens é preciso explicitar a intrincada tessitura teórica de sua obra, urdida entre a perspectiva marxista-libertária e a trama da sociologia “compreensiva” weberiana.

O livro em tela é uma antologia de textos organizada pelo próprio autor, em 1982, e a presente edição encontra-se revista e compõe a *Coleção Maurício Tragtenberg*, da Editora Unesp, sob direção do Prof. Evaldo Amaro Vieira. A par da altura intelectual com que se movimenta, ao circular por pensadores como Lobrot, Establet, Bourdieu, Benjamin, Goffmann, Weber, Horowitz, Selznick, Francisco Ferrer, Maria Lacerda de Moura, Kropotkin, e mesmo deixando de citar nominalmente Althusser e Foucault, dos quais há remissões disseminadas em não poucas passagens, o que, em princípio, aponta para o público acadêmico e professores em geral, porém, vencidas as aparências e recorrências mais imediatas, descobre-se que o livro é, virtualmente, destinado a jovens universitários, dadas as indicações e recorrências precisas para tal em várias passagens. Desde o desvelar dos meandros sutis da “universidade antipovo” até a análise da participação estudantil nas esferas políticas de par com a representação discente.

Composto de quatorze artigos, da reprodução de um debate e de dois depoimentos, o livro é um marco relevante na obra de Maurício Tragtenberg. Se o fato de sermos “ainda hoje desterrados em nossa terra” e os processos de *atualização pelo alto*, em vários níveis e momentos da his-

Maurício Tragtenberg

tória pátria, sob capa porosa do capitalismo monopolista tardio, têm dificultado o entendimento do cerne dos problemas materiais e culturais da nação brasileira, o sobre-vôo pontualíssimo de Tragtenberg, operado pelas análises e pelas críticas à educação, à política e ao sindicalismo, revelam o lado menos aparente, porém consistente dos fundamentos da ordem social, em vigor nos anos setenta, e em perspectiva para os ulteriores.

Em verdade, nomear os quatorze textos como artigos não corresponde, precisamente, à estrutura dos mesmos. Tragtenberg apresenta muitos deles na forma de ensaio, dada a abrangência de perspectivas abertas, a liberdade com que aborda as idéias e os temas mais contundentes. Como gênero literário, tão caro a alguns intelectuais brasileiros dos mais expressivos — Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido —, o ensaio não escapou a Tragtenberg.

Dada a densidade das idéias apresentadas, o acúmulo de constatações e de entrecruzamentos de fatos e de doutrinas decompostas desde sua face oculta até a explícita, mais a capacidade de síntese do autor, e como um dos segredos da técnica de resenhar é insinuar mais que mostrar ou demonstrar, efetivamente, lançarei luz em alguns capítulos do livro e outros ficarão à sombra, à espera do leitor atento.

O primeiro, “A delinqüência acadêmica”, que poderia conter o subtítulo de “A traição dos intelectuais”, é uma bomba-relógio de efeito imediato e retardado a destruir crenças silenciosas e pré-críticas acerca dos reais interesses da produção do conhecimento nas Universidades, dos sinuosos caminhos da burocracia acadêmica e dos entornos, sempre a privilegiar os meios em detrimento dos fins. O demolidor artigo, aparentemente, é a transcrição *ipsis litteris* da longa entrevista cedida por Tragtenberg ao jornalista Laerte Ziggiati, constante da edição do ca-

dero cultural “Folhetim”, da *Folha de São Paulo*, de seis de agosto de 1978. O título, calcado no substantivo delinqüência, traz à cena universitária o ato de cometer falta, crime e delito moral. Por não se tratar de uma premissa edulcorada, as decomposições de intenções e de resultados da produção universitária andam de par com interesses escusos e estranhos à Universidade. À pergunta: “o conhecimento a quem e para que serve?” desvela camadas e núcleos do que o sistema de mandarinato acadêmico e seu séquito melhor produzem, aquêm de qualquer responsabilidade social.

Ao final do texto em pauta, Tragtenberg, ao posicionar-se contra os desmandos acadêmicos e sua aparência de “cemitério de vivos” pela capitulação burocrática e mercantilista, propõe a “autogestão pedagógica”, que “teria o mérito de devolver à Universidade um *sentido* de existência, qual seja: a definição de um aprendizado fundado numa *motivação* participativa e não no decorar determinados ‘clichês” (pp. 18-19). E conclui: a “participação discente não se constitui num remédio mágico aos males acima apontados, porém a experiência demonstrou que a simples presença discente em colegiados é fator de sua moralização” (p. 19).

O segundo capítulo, “O saber e o poder”, deriva do embrião lido num final de tarde de sábado, dia 15 de julho de 1978, durante o encerramento do encontro anual da SBPC, no saguão da História da USP. O encontro funcionou como desagravo de intelectuais, de professores e de estudantes, frente à ordem político-social imposta pelos militares. A SBPC encarnava, naquele momento, parte destacada da consciência crítica da chamada “sociedade civil”. Como nossa memória é seletiva por excelência, fatos marcantes tornam-se indelévels: naquela mesma tarde o Prof. Evaldo Amaro Vieira lia seu texto “Estado e Política Social”, publicado pela revista *Educação & Sociedade*.

Mauricio Tragtenberg

Em verdade, “O saber e o poder” contém uma crítica pontual da sociologia, pelo viés do funcionalismo e, por extensão, questiona a antropologia e segmentos da administração de empresas, sem esquecer o papel do politólogo e seu par complementar, o banco de dados, ao tracejar o comprometimento do intelectual por dispor de seu conhecimento em favor do que chama de “complexo militar-industrial-acadêmico”. Tragtenberg desconfia da cobertura dada pelo “ideal de neutralidade ante valores”, em curso desde a concepção de ciência inventada e sintetizada por Francis Bacon, o pai do materialismo moderno como quer Engels. Tragtenberg afirma que na realidade, “esse apoliticismo converte-se na ideologia da *cumplicidade* trustificada” (p. 23). E arremata afirmando que “o cultivo de ideologia livre de valores é paralelo à despreocupação sobre as implicações éticas e políticas do conhecimento” (p. 23). O que reforça a constatação de que há “um processo de militarização das ciências sociais paralelo ao desenvolvimento da superespecialização e ao intelectualismo” (p. 23). Como exemplo, relembra, dentre outros, o Projeto Camelot, que dispunha de milhares de dólares destinados ao estudo das “causas das mudanças sociais e prevenir sua ocorrência” (p. 24), em países da África e da Ásia.

Com *verve* e acuidade, Tragtenberg renunciou os tempos atuais, em que os cursos universitários valem menos pelo caráter de conteúdo e mais por apelos performáticos. Contudo, o ensaio “O saber e o poder” alude, em algumas passagens, ao livro de Chomsky e Herman, *Bains de sang constructifs dans le sang et la propagande*.

Em “Escola como organização complexa” há um inventário histórico-político dos aspectos educacionais dos últimos quinhentos anos na sociedade ocidental, com o *zoom* voltado para os dias atuais, desde o interesse pela formação de letrados no século XVI para servir às burocracias mercantilista, eclesiástica e estatal modernas, aditadas

do voto de obediência introduzido pelos jesuítas até a escola como aparelho ideológico de Estado, no presente.

Cedendo à má comparação e sob gêneros diferentes, ensaio e conto, o texto de Tragtenberg lembra, às avessas, *A teoria do medalhão*, de Machado de Assis. No conto, um pai apresenta ao filho, que completa vinte e um anos, o modo de vencer na vida *sem fazer força*, apenas facilitando para si o movimento subliminar das mais oportunas mazelas da cultura brasileira, em curso na corte do século XIX. Se no conto o substrato da “estória” é tornar-se medalhão, no ensaio de Tragtenberg são os aparatos burocráticos educacionais, tomados como dispositivos para a ascensão e os atos capazes de transformar-se em tecnocrata, que sobressaem na análise. Para tanto, Tragtenberg atenta para os movimentos de inculcação ideológica, de formação da “força de trabalho”, de contribuição de “reprodução material da divisão em classes” e de manutenção da reprodução das “relações de dominação”, basilares da “reprodução das relações sociais de produção”, sob o aparelho escolar.

O texto “Aplicação das teorias de Weber, Selznick e Lobrot à educação”, de 1978, de saída traz afirmações que não deixam dúvidas sobre a relação entre administração e Universidade. “Administrar acima de tudo no Brasil é vigiar e punir. Administrar acima de tudo é PODER. Como qualquer poder, o burocrático tende à expansão. A universidade é uma instituição dominante, além disso, ligada à dominação. Até hoje, a universidade brasileira formou assessores de tiranos, é o antipovo. Criada para produzir conhecimento, ela se preocupa mais em controlá-lo” (p. 71). Como o texto é curto, na seqüência, rapidamente, o autor debulha essas constatações, sob o peso dos teóricos anunciados no título.

Ao final da leitura, o verbo e o substantivo que sobressaem são: *refender* — lavrar em relevo; tornar a fender —;

e *refendimento* — ação de refender; trabalho de escultura em alto relevo. Reler Maurício Tragtenberg, passados vinte e poucos anos, é como reanimar o ato do escultor que faz brotar da matéria bruta da história a interpretação aguda de que as idéias e as organizações podem encobrir e inculcar como verdades, aparentemente, naturais.

A obra em tela mantém a contundência e a força da primeira leitura.

Tragtenberg, que logo após a eleição de Erundina de Souza, em 1988, para prefeita de São Paulo, escreveu o texto crítico “A estrela branca e a estrela vermelha”, salvo engano, inédito até hoje, em que analisara o possível destino trágico do PT, num tempo em que grande parte da esquerda e da *intelligenza* nacional, esforçava-se para projetar um futuro promissor e vitorioso para o partido. Se vivo fosse, frente ao *pastiche* político atual provocado pelo mesmo partido, não conteria as gargalhadas e a tristeza. *Pequeno e estranho é o mundo da política!*

da desobediência como prática política | acácio augusto

Iza Salles. *Um cadáver ao sol. A história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, 221 pp.

Antonio Bernardo Canellas desde muito jovem se envolveu com as lutas operárias no Brasil. Aos dezessete anos, trabalhando como tipógrafo linotipista, participava

*Estudantes de Ciências Sociais na PUC/SP, integrante do Nu-Sol e bolsista CNPq.